

Por salário e para combater a privatização

É preciso unir os que lutam e construir uma nova direção na Fasubra

Em abril, no congresso da Fasubra, os funcionários das universidades terão a oportunidade de dar a resposta a esse governo que a todo custo tenta retirar nossos direitos, congelar mais os salários e nos impedir de lutar. Infelizmente estas medidas do governo tem a colaboração direta da maioria da direção da Fasubra, que através da Tribo, CSD e CTB boicotam a luta da categoria e desrespeitam suas deliberações. Esta atitude da burocracia pró-governo é para manter suas dezenas de cargos de confiança em reitorias e no governo federal.

É necessário repetir no Confasubra a experiência da greve: UNIR os que lutam pra derrotar o governismo. Essa é a única maneira de avançar na campanha salarial e impedir mais retirada de direitos. Mas UNIR os que lutam não significa simplesmente a soma das correntes de esquerda, e sim a dessas correntes de incorporar todos aqueles que queiram lutar contra as políticas de ajuste do governo, sejam companheiros independentes ou organizados em correntes. Os exemplos de dirigentes da UFC, da UnB e UFSC, que não são de correntes, tem demonstrado que existem várias lideranças nessas entidades que não pactuam com o governo e são lutadores – todos tem que se unir. Soma-se a estas forças, estão as centenas de jovens lutadores que surgiram na greve de 2011. Esta é a prova que existe uma importante base para construir essa nova direção e dar um novo rumo à nossa Federação e à luta da categoria.

Esta tese foi construída por militantes organizados na Unidos Pra Lutar e Independentes lutadores da UFF, UFRJ, UFAM, UFPA, UFOPA, UFRPE, UFMG, UFRGS, UFRN, UFPR. Esperamos UNIR no congresso e no cotidiano das universidades, os lutadores e dar outro rumo à nossa federação.

Crise econômica mundial e fortes lutas mostram o tom deste ano

A economia capitalista mundial está passando por uma grave crise: para conseguir lucrar mais e mais, os grandes capitalistas dedicaram-se, além de explorar diretamente aos trabalhadores, à especulação desenfreada. E como toda especulação, termina em lucros para pouquíssimos e tragédias para muitos. Mais uma vez os donos do capital e do poder, pretendem que sejam os trabalhadores e os povos do mundo que paguem pela crise que eles provocaram. Os governos salvaram os bancos com dinheiro público, e agora estão afundando os países, demitindo servidores públicos em massa, rebaixando salários, cortando aposentadorias, fechando empresas, para sustentar este sistema financeiro de agiotas e parasitas.

Até o próprio EUA debate moratória da sua dívida. Grécia não consegue pagar sua dívida mesmo com os brutais planos de arrocho impostos pelo FMI, o BM e a União Européia comandada pela Alemanha e pela França. Portugal já caminha na mesma direção. Itália e Espanha idem. É este o remédio dos capitalistas e seus governos: arrocho salarial, redução de emprego, flexibilização de direitos trabalhistas. Mas a classe não se rende e vem se revoltando, por vezes em situações insurrecionais como na Grécia em 2012. No Oriente Médio e no norte da África se soma à crise econômica as décadas de opressão com ditaduras assassinas o que está na base da chamada “primavera árabe”.

A Tunísia, Egito, Líbia são símbolos desta luta, pois seus povos protagonizaram corajosas revoluções em 2011, as massas populares indignadas derrubaram seus governos ditadores. Síria está no mesmo caminho. No Egito, ponto alto, seguem as mobilizações gigantes contra os militares que pretendem se manter no poder. A burguesia local e o imperialismo, não conseguindo mais evitar as lutas, agem pra que as mudanças de governos não destruam seus negócios. Se precisar perder os anéis pra conservar os dedos deforma “negociada”, o fazem, mas sempre há limite de pactos, vide os problemas sociais, o que leva mais conflitos, pois o problema real das lutas é a crise social de desemprego, baixos salários, sem assistência de saúde, educação. Problemas que não serão resolvidos com novos governos capitalistas, e assim a luta seguirá intensamente.

Além do Oriente Médio, a Europa é outro símbolo de luta, até a Bélgica, que há décadas não fazia greve entrou em cena. Esta deve ser a dinâmica de 2012, e devemos nos preparar para ela.

Governo Dilma responde à crise com planos de ajuste e privatização

O argumento que o Brasil não seria atingido pela crise se desmorona. Seus primeiros efeitos são vistos na desaceleração da economia. Em 2011 o Produto Bruto Interno (PIB) expandiu-se apenas 2,79%, quando em 2010 alcançou 7,5%, segundo dados divulgados pelo Banco Central. Neste ano a presidente Dilma cortou 50 bilhões do orçamento destinado às áreas sociais. Entretanto os bancos obtiveram altíssimos lucros em 2011: Itaú-Unibanco R\$ 14,621 bilhões, Banco do Brasil R\$ 12,1 bilhões, Bradesco R\$11,028 bilhões, Santander - R\$ 7,8 bilhões Caixa - R\$ 5,2 bilhões, segundo dados publicados pela Federação dos bancários do Paraná.

O centro do orçamento de 2012 é o pagamento da dívida pública, que segue sendo o principal problema do país. Em 2011 foram pagos 708 bilhões de dívida e amortizações, já está disponível para 2012 mais de 1 trilhão, e ainda assim a dívida se acumula acima de 3 trilhões. Um processo que levará cada vez mais a quebra da economia brasileira. Continua pagando uma dívida, sem sequer fazer a auditoria da dívida, embora esteja previsto na constituição federal. Enquanto isso segue a falta de políticas públicas, como saúde, educação, saneamento, segurança, falta de moradias populares. Este último é o responsável todos os anos por milhares de desabrigados pelas chuvas, em vários estados, e os governantes omissos e irresponsáveis tentam colocar a culpa nas vítimas, até em Deus, mas sabemos de quem é a culpa e qual é a prioridade do orçamento.

- A Fasubra deve compor os comitês por uma auditoria cidadã da dívida e exigir a suspensão de seu pagamento.

Quando se criou a Lei de Responsabilidade Fiscal, com o intuito de proibir gasto com funcionalismo público acima de 45% do orçamento, mostrava-se que a União gastava, em 1995, 40% com os servidores federais. Hoje se gasta 27% e ainda assim mantêm firme a política de mais arrocho.

Há super crescimento da receita com a alta arrecadação de impostos, porém os gastos são direcionados para sustentar a corrupção e especialmente os banqueiros. O governo Dilma nega aumento aos servidores, mas tem recursos rápidos para empresas amigas. É o BNDES com dinheiro público que financia todas as empreiteiras que financiam suas campanhas eleitorais. Quem não se lembra da ajuda de 4 bilhões do BNDES que Abilio Diniz receberia para fundir suas empresas. Quase o valor necessário para reajustar nosso piso em 3 salários mínimos, reivindicado pela Fasubra. Palocci saqueou de uma vez R\$ 20 milhões, quase o valor para sustentar um hospital universitário durante um ano (o da UFF recebe R\$ 25milhões).

Corrupção e falsa faxina!

O processo de corrupção dominou o funcionamento do governo. Em um ano de mandato caíram seis ministros e todos os dias se descobrem novos esquemas de enriquecimento da alta cúpula do governo com o sistema de propinas oferecidas pelos empresários amigos beneficiados com licitações e isenções. Longe de encarar uma verdadeira faxina, a limpeza da Dilma é limpar colocando a sujeira debaixo do tapete na tentativa de dar uma resposta à indignação da população contra os corruptos. Esta rejeição popular exerceu pressão na recente votação do STF a favor da Lei da Ficha Limpa. É necessário exigir o fim do sigilo fiscal, bancário e telefônico de todos os políticos e candidatos e de todas as empresas que tem contratos com o governo; a revogação dos mandatos de todos aqueles que não cumprem suas promessas de campanha; e sobretudo a fixação do salário dos parlamentares e de todos os cargos políticos pela população, através de plebiscito e atrelados ao valor do salário mínimo.

Para iludir que Dilma faz faxina nos ministérios com provas de corrupção, são trocados ministros, porém os mesmos partidos continuam com a pasta, ninguém é punido e nenhum centavo é devolvido aos cofres públicos.

Criminalização da luta virou regra para PT-PMDB

A criminalização dos movimentos sociais tem crescido durante o governo do PT/PMDB. Na recente greve dos trabalhadores da segurança pública a presidente enviou as Forças armadas para reprimir a greve, em combinação com o governador Jaques Wagner do PT na BA. No Rio, onde governa o PMDB junto com o PT dezenas de

militares foram presos e enviados para presídios de segurança máxima por terem tido a coragem de lutar por um salário digno.

- O Confasubra deve aprovar resolução de apoio a luta de policiais e bombeiros, exigir a anistia dos punidos e cobrar o direito a sindicalização de qualquer trabalhador.

Este fato em nada se diferenciou da ação comandada pelos governos do PSDB de São Paulo frente à desocupação violenta dos moradores do Pinheirinho. Desta forma com o avanço das privatizações e criminalizações fica claro que o PT e PSDB sustentam os mesmos projetos políticos e econômicos.

Em 2011, se inaugurou a criminalização, através de uma ação judicial para proibir que a Fasubra fizesse greve. São interditos proibitórios; perseguição a dirigentes; multas gigantes a sindicatos que têm se tornando a marca mais comum deste governo, buscando frear a luta dos trabalhadores. Mas isso não tem impedido que levantes prossigam.

As lutas existem, mostram o caminho. Falta direção!

No Brasil, apesar de propaganda da alta popularidade de Dilma; de sermos a 6ª economia, da ideologia de povo mais feliz do mundo, os trabalhadores tem se erguido com intensidade, feito greves radicalizadas, tem passado por cima de burocracias pelegas para defender seus direitos. Em 2011 as Obras do PAC (meninas dos olhos do governo) foi posto em xeque. Jirau, Mineirão, Maracanã foram paralisados. Assim como os professores de quase todos os estados deflagraram fortes greves. Os bombeiros do RJ enfrentaram o arrocho e a repressão de Cabral conseguindo o apoio de toda a população. Nós, da Fasubra e Sinasefe fizemos boa greve, e quase todas elas tiveram que atropelaras direções burocráticas dos sindicatos e enfrentar seus patrões e governos.

Em 2012 tem se demonstrado que a classe trabalhadora não dá cheque em branco a governo algum. Para sobreviver temos que lutar, mesmo que sejamos coibidos ou proibidos, como os policiais militares e bombeiros. Foram os policiais do Ceará, Maranhão, Pará, Bahia e Rio de Janeiro que se rebelaram contra as ordens dos quartéis e o arrocho salarial dos governos. Greves fortes, que abalaram um pilar dos governos capitalistas. Hoje a principal tarefa dos governos e da burguesia, via a mídia, tem sido para desqualificar e derrotar os líderes dos militares grevistas. Ainda que em alguns estados tenha se levantado a greve, o fato de não serem resolvidos os problemas prenuncia novos conflitos. Em outros estados houve manifestações de policiais, ameaça de paralisações, e isso garantiu negociações que chegaram até 90% de ganhos salariais, como no Paraná.

São várias categorias que se levantam a cada dia, e a maioria tem que atropelar suas direções sindicais burocráticas para encaminhar suas reivindicações. Um dia após a greve da PM e Bombeiros do RJ ter encerrado, iniciou a greve dos operários da COMPERJ, onde mais de 12 mil trabalhadores numa assembléia definiram enfrentar a empresa, assim como os rodoviários de Curitiba. Também os policiais de Brasília aprovaram estado de greve.

São diversas lutas pelo país, e nossa principal tarefa é apoiá-las, derrotar patrões e governos; não medir esforços pra unificá-las, pois é a única maneira de obtermos êxito. Não importa quem dirija as greves, se forem justas devemos apoiá-las. Esta tem sido a prática dos sindicatos da Unidos Pra Lutar, assim estivemos apoiando a luta do Pinheirinho, mandamos uma delegação para apoiar a greve da Bahia, uma representação ao Chile em apoio à revolta estudantil e agora estamos em campanha pela libertação dos militares grevistas no RJ.

É neste ritmo que estamos no Confasubra debatendo um plano de ação da categoria, e com isso construímos uma nova direção, capaz de impulsionar a luta da categoria, junto aos demais setores da classe trabalhadora.

A política do governo Dilma para o funcionalismo!

Se depender do governo, seus parlamentares e reitores cúmplices, as respostas já estão dadas: em 2011 Dilma cortou R\$ 50 bi do orçamento da união; em 2012 já se anunciou R\$ 70 bi. Além disso estão sendo encaminhadas várias ações via AGU; tribunais e reitores. São ações para retirar ganhos salariais que chegam até 60%. Outro exemplo de ataque é a longa lista de PLs e decretos visando retirar direitos e para congelar salários, reduzir o adicional de insalubridade, imposição da instalação do ponto eletrônico para impedir as 30h; a retirada do reposicionamento dos aposentados; o congelamento salarial por 10 anos, que mesmo sem a aprovação da PL já está sendo aplicado. A privatização dos hospitais universitários e toda a gestão, que mudará completamente a relação de trabalho na universidade, é outra marca deste governo de PT-PMDB.

Esta política explica porque professores da rede estadual recebem R\$ 350,00 de vencimento básico em MG; porque médicos do estado do RJ recebam menos de R\$300,00 de vencimento básico. Porque policiais e bombeiros estão com salários achatados, sendo que um bombeiro com R\$ 800,00 e da Bahia o governo não cumpre nem a lei da carreira já aprovada desde 2009.

Por todas essas razões, defendemos, apesar das divergências existentes, a unidade de todos os lutadores, independentes das correntes, que não são atrelados ao governo, para construirmos uma nova fase da Fasubra, uma direção que encaminhe as lutas cotidianas para enfrentar os diversos ataques do governo Dilma e dos reitores.

BALANÇO DA GREVE!

Nossa Greve da Fasubra 2011. Uma lição que definirá os rumos deste Confasubra!

Mesmo sem ganhos econômicos saímos fortalecidos da greve.

Foram três meses de greve. A base da categoria se impôs contra a vontade da direção governista que pela primeira vez na história mostrou que é capaz de trair as assembleias, retirar-se da greve deixando metade da categoria na luta. Mas a base da categoria rebelou-se, especialmente os novos funcionários, que tomaram pra si a necessidade da luta e puseram em xeque uma burocracia em decadência na Fasubra, a qual só tem maioria por manobra nos fóruns da federação, mas não expressa mais as necessidades e anseios da categoria.

A categoria foi obrigada a entrar em greve depois de 43 tentativas de negociação em vão. Sob enrolação do governo e cumplicidade do setor governista (CUT-CTB), Dilma e seus deputados aceleraram a votação da privatização dos hospitais universitários. Estes elementos foram decisivos para que a categoria deflagrasse a greve. Muitas greves não conseguiram conquistas econômicas (1995, 1998, 2000, 2003 e 2011), mas todas as conquistas trabalhistas só ocorreram em processos grevistas. Essa é a maior lição da categoria.

Em 2011, o processo foi muito duro, **enfrentou outro fato inédito**: o uso da justiça para proibir os servidores de realizar sua greve. Estranhamente 12 sindicatos dirigidos pelo setor mais governista (tribo) não foi acionado pela justiça. Neste sentido, o balanço da greve é extremamente importante e necessário, visto que desta vez a Fasubra esteve dividida entre os que apostaram na mobilização e na greve para arrancar nossa pauta versus aqueles (TRIBO, CSD e CTB) que militaram contra a greve para defender com unhas e dentes “seu” governo corrupto e neoliberal.

É importante citar que este mesmo setor que militou pra desmontar e derrotar a greve, também votou, através de seus deputados, na privatização dos hospitais universitários. Por isso não servem pra dirigir a categoria e seus sindicatos.

Falta de unificação do funcionalismo

Tínhamos tudo para fazermos uma greve unificada de todo serviço público, pelo menos da educação. Organizamos cinco marchas unitárias mostrando a disposição de enfrentamento dos servidores. No entanto, a direção da CONDSEF, também dirigida pela CUT, não apostou na unidade e no enfrentamento, mas isso se esperava. Infelizmente nem o ANDES(CSP/Conlutas) apostou na unidade da greve, optando por aceitar um pequeno aumento proposto pelo governo precisamente para nos dividir”. O servidor federal tem muitas razões para construir lutas unitárias, pois o governo atua para desmontar o serviço público. No entanto não há empenho da maioria dos dirigentes sindicais neste sentido.

- É necessário que a Fasubra impulse esta unidade, iniciando pela educação, e pelos estados pressione para que todo o funcionalismo recomponha as lutas unitárias pela base.

Uma nova geração de lutadores precisa de apoio

A categoria realizou uma luta heróica. Destaque para os trabalhadores em estágio probatório e os jovens que se incorporaram recentemente a categoria que lutaram com firmeza e não vacilaram diante dos “velhos” dirigentes burocratizados. Assim foi na UFRJ, UFPR, APTAFURG, UFPI e tantas outras.

São jovens que vem se postulando a lutar organizadamente, e precisam do apoio de todos, juntar a experiência dos mais antigos com a energia explosiva dos novos. Esta é a fórmula pra quem não é atrelado ao governo, não tem cargos nas reitorias e não está encastelado nos aparatos sindicais.

Faltaram mais ações unitárias e fortes. Acabou o tempo de apenas deflagrar a greve!

O papel cumprido pela esquerda durante toda a greve deve ser destacado, porém devemos além de destacar nossos acertos também apontarmos nossos erros. Com a dureza do governo, não se consegue mais as negociações simplesmente indo assembléias e votando pela deflagração. É preciso construir ações mais fortes, ocupar as ruas unificadamente, pois só assim estes governos neoliberais cedem às reivindicações dos trabalhadores.

É fundamental cada sindicato estreitar no dia a dia a relação com o movimento estudantil combativo, e também com os professores e movimentos sociais. Somente em 2011, houve diversas ocupações de reitorias, que podiam ter sido uma orientação nacional da greve, mas não foi. Onde houve ocupações se conquistou a maioria das reivindicações. Na UFF foi a ocupação da reitoria que possibilitou o atendimento a grande parte da pauta estudantil, incluindo o fim dos cursos pagos na especialização; aos trabalhadores a devolução do adicional de insalubridade, e outros itens. No UFPR se obrigou o reitor negociar as 30 horas de trabalhos, e outros bons exemplos das lutas mais unitárias e fortes tem obtidos conquistas. Estes exemplos tem que servir de lição a lutas futuras.

As lideranças devem se preparar a partir das oportunidades. Não podemos esperar dois meses pra começar a debater ações mais fortes. Os governos não podem nos ignorar. Devemos dar os prazos pra receber pacificamente, e depois apontar as ações.

Não se pode repetir os erros da esquerda!

O campo dos que lutam e não são atrelados a governo é mais precioso e deve ser reivindicado. Estes tem a maior responsabilidade de apontar os caminhos, as resoluções no congresso e enfrentar os representantes do governo. No entanto consideramos necessário fazer os balanços do ultimo período da luta na categoria para que não se repitam esses erros.

Não se pode admitir que uma corrente sindical em oposição ao governo siga sendo aliada preferencial de CUT e CTB em várias universidades como a UFRJ, UNIFESP e UFF. Muito menos, como no caso exemplar da UFRJ, ocupar cargo de alto escalão na reitoria. Estas contradições prejudicam a categoria e seus lutadores. É preciso pôr em prática nas universidades a política de enfrentamento com os governistas ocorrido no comando nacional de greve de 2011. Do contrário estaremos iludindo a categoria ao dizer que queremos mudança na federação.

Também não se pode ignorar que no acampamento da greve e na marcha de 24/08/2011 foram organizados e dirigidos pelo setor de esquerda, e em ambos os casos houver erros na política. No acampamento a maioria dos setores não mandou uma delegação fora da categoria pra apoiar a nossa árdua luta, num momento em que o governo tinha judicializado a greve, e mais precisávamos de solidariedade. Na marcha, a carta do movimento entregue ao governo sequer mencionava a nossa greve ou do Sinasefe. Este é um grave erro.

Estes vacilos devem ser corrigidos o quanto antes, visto que cresce a necessidade de unificarmos todas as nossas forças para derrotarmos os governistas na Fasubra. E os que se postulam alternativa devem agir em sintonia com as aspirações e necessidades da categoria.

A categoria lutou muito. No calor desta luta compreendeu que deve continuar apostando na luta para barrar a política de Dilma e para mudar a direção da Fasubra e dos sindicatos que atendem ordens do governo e não da categoria. Esta é a grande lição que devemos ter da nossa greve: **a luta continuará, o inimigo (defensor dos governos) mora ao lado e não podemos mais cometer erros. Coerência, solidariedade são os caminhos da vitória de nossas lutas!**

A plenária estatutária. Perdeu-se a chance de punição de fura-greve!

Após a batalha da greve, na primeira plenária, estavam presentes os militantes que construíram a luta da categoria, que aprenderam o quanto é nefasto o sindicalista defender o governo, o quanto se prejudica a categoria essas práticas de traição de uma greve. Sendo assim, havia necessidade de votar resoluções na plenária que

impedisse novas traições; impedisse que delegados votassem diferente das deliberações de suas assembleias; que houvesse punições ao diretor da Fasubra que fusesse a greve de sua categoria, pois este não mais poderia representar a categoria nas negociações.

Foi com esse espírito que nós, da Unidos Pra Lutar, e companheiros do Pslivre defendemos na plenária as referidas propostas acima. Infelizmente estas propostas dividiram a esquerda, pois companheiros de diversos agrupamentos que haviam construído a greve, na plenária se juntaram a CUT e CTB pra derrotar estas propostas. Uma atitude que foi de encontro às posições coerentes durante os 3 meses de greve onde o Comando Nacional se enfrentava diariamente com metade da direção governista da Fasubra.

Quais as principais lutas da categoria em 2012

Além das lutas gerais frisadas anteriormente, temos algumas demandas da categoria que merecem serem eixos de campanha permanente da Fasubra ao próximo período:

- Empresa Hospitalar de Serviços Hospitalares (EBSERH) e a Privatização dos Hospitais Universitários!

Um dos principais projetos do governo Lula-Dilma contra nossa categoria foi a aprovação da EBSERH. São muitos anos de crises e enfrentamentos em defesa dos hospitais universitários, desde o enfrentamento da PL 92 das fundações estatais, à falta de concurso e financiamento. , foram muitos ataques do governo Lula durante seus dois mandatos, que culminou na sua última medida, no final do mandato, no dia 31 de dezembro, presente aos trabalhadores da saúde e usuários dos hospitais que ainda acreditavam no Lula como representante da classe trabalhadora. A Empresa brasileira de serviços hospitalares, é a prova de que é um projeto estratégico, para mudar totalmente a estrutura e o funcionamento do serviço público:

- irá legalizar as contratações ilícitas, porque não serão necessárias as licitações,

- aumentará a falta de transparência na prestação de contas,

- acabará com o que é uma conquista da sociedade, que a autonomia universitária,

- será um retrocesso aos trabalhadores, porque permite a contratação pela CLT, e a carreira, que foi conquista da categoria, ficará em desuso pelos novos trabalhadores dos hospitais. Além disso, todos ficarão mais sujeitos, as metas produtivistas e ao assédio moral.

- para os usuários será o fim do atendimento exclusivo pelo SUS, permitindo a dupla porta e atendimento diferenciado aos que possuem plano de saúde.

- para os professores e estudantes será o fim do perfil de hospital universitário, como campo de formação e pesquisa, porque atenderá a lógica do lucro da empresa;

A luta ainda segue para impedir a EBSERH:

Mesmo já sendo aprovado no Congresso Nacional, ainda não se aplicou, então o atual desafio é:

- denunciar aos usuários o que significa a privatização e quem propôs e quem aprovou esse modelo de privatização.

- A Fasubra deve orientar a ocupação política dos conselhos universitários para impedir que estes votem a aceitação da EBSERH. Deve orientar que cada universidade construa fortes mobilizações para impedir que os conselhos se ajoelhem ao governo e quebrem a autonomia universitária.

- Que a Fasubra encaminhe em regime de urgência a ação jurídica contra a EBSERH

- Deve-se também ampliar a campanha por verbas para a saúde, não à corrupção; concurso público; exigir que terceirizados tenham mesmos direitos dos demais trabalhadores do quadro.

É preciso reafirmar que a FASUBRA não comporá o conselho gestor da EBSERH, e devemos repudiar caso algum dirigente da Fasubra defenda adesão à privatização.

É necessário que a Fasubra realize encontro dos trabalhadores de hospitais, para desencadear uma luta nacional deste setor, pois é o que mais sofre com as péssimas condições de trabalho; é o que mais adoecer trabalhando, tem ameaça de corte de seu adicional de insalubridade e é o que diretamente estará enfrentando o cotidiano a EBSEH, caso o governo tenha êxito.

- Em defesa das 30 horas e contra o ponto eletrônico!

Infelizmente uma importante campanha votada na plenária de 2010 sequer entrou na pauta de reivindicações da greve, que é carga horária de 30 horas, apesar da Unidos ter questionado em plenária a ausência da pauta. Hoje, a maioria dos reitores está pressionando pra instalar ponto eletrônico, e isto tem um único objetivo: obrigar o retorno da jornada de trabalho de 40h semanais nas universidades ou setores que conquistaram as 30h. E impedir que outras universidades consigam as trinta horas. Mesmo sem o interesse da Fasubra, essa é uma demanda que vem ocupando vários espaços de discussão na categoria e que precisa ser pautada como bandeira de luta no Confasubra.

- Em defesa das 30 h sem redução salarial e contra o ponto eletrônico, por entender que é um retrocesso, fere as 30h, e não garante qualidade de trabalho.

- Corrigir as pendências da Carreira e ampliar seus benefícios!

É preciso dar um basta nas enrolações das mesas de negociação da carreira. Tanto o governo quanto seus aliados, insistem que devemos debater as concepções de carreira, as concepções de Estado. Há décadas temos as mesmas formulações sobre isso, mas quando sequer manobrar e não resolver as questões, inseridas neste debate, inventa-se outra polêmica.

- As questões seguem na mesa: o governo vai ou não resolver a racionalização dos cargos? Entendemos que as mesmas funções, responsabilidade, complexidade, escolaridade, exigem mesmos salários. Outra questão importante, é que se nossa categoria teve poucos ganhos com a carreira, alguns trabalhadores, como o caso dos auxiliares de enfermagem, administrativos, e outros, não tiveram nenhum. Pois nossa carreira foi pensada dentro da lógica da ascensão funcional, mas o governo não admite a ascensão e os trabalhadores seguem sendo discriminados, provocando a divisão dos trabalhadores e gerando muita insatisfação.

Outro problema que o governo não apresenta solução na mesa de negociação é a questão do anexo IV, que trata sobre o incentivo à qualificação. A carreira deve incentivar todos os trabalhadores a se qualificar, recebendo os mesmos percentuais de ganhos salariais.

- Defendemos que dos mesmos esforços para se qualificar, deve-se ter mesmo ganho salarial.

Além disso, a Fasubra e cada sindicato devem pressionar o governo e os reitores para que haja resoluções sobre incentivo para estudar, liberar carga horária do trabalho a este fim, programa de bolsas de pós graduação, liberação de vagas na graduação destinadas aos servidores, programa de eja, etc...

- Reposicionamento dos Aposentados. Um capítulo especial!

Os aposentados da base da fasubra tem dado uma importante lição a toda a categoria, com sua capacidade de manter-se lutando, enfrentar a direção burocrática da federação que é contra o reposicionamento. Nós, da Unidos, a frente desta coordenação, queremos socializar estas lições dos aposentados.

Chegamos a este Confasubra com muita pressão sobre os aposentados que conquistaram o reposicionamento. O governo, na sua meta de reduzir gastos na folha, está fazendo auditoria e pressionando os reitores a retirar o pagamento das cinco universidades que ganharam a reivindicação. Por isso queremos apontar este tema com grande relevância, pois não se pode mais repetir os erros da direção da fasubra, porque isso levará a que outros setores da categoria sejam também penalizados.

Pequeno histórico sobre o reposicionamento, pois contra fatos não há argumento:

- PCCTAE existe desde 2005. Em 2006 a UFPR aprovou em seu conselho universitário o reposicionamento dos aposentados; em 2007 foi a vez de Sta Maria; em 2008 foi na UFF; em 2009 foi na UFRRJ e na UFG. Além destas universidades, foram aprovadas em São Carlos, Unifesp, Viçosa, Ouro Preto, UniRio e Pelotas. Porém estas últimas não conseguiram pagar, pois em 2009 o governo bloqueou o siape dos aposentados.

Estas conquistas dos aposentados pelas universidades se deu de forma isolada, não contando com apoio da Fasubra, tanto que a primeira resolução de apoio ao reposicionamento só se deu em 2009, no Encontro Nacional de Aposentados, quatro anos de atraso político.

As aprovações do reposicionamento pelos conselhos só foram possíveis com forte mobilização nas bases. A maioria de locais onde se aprovou, contou com a presença direta da Unidos Pra Lutar, (coordenação de aposentados na Fasubra e via Sintuff), mas nenhuma das participações foram financiadas pela Fasubra.

As ameaças atuais de retirar o reposicionamento!

O governo federal, na sua política de retirar direitos dos trabalhadores, vem fazendo uma varredura, com auditoria e pressão sobre os reitores. Assim como tem ameaçado retirar a URP, as incorporações de Quintos, de Hora-Extras, e no caso de aposentados, o Reposicionamento.

É fundamental que os aposentados sigam organizados e mobilizados para aprovar nos conselhos; exigir que sejam desbloqueados o siape, e que a Fasubra, como um todo, faça a campanha contra a retirada do pagamento daquelas que conquistaram.

Chega de omissão. Aposentados são parte importante e significativa desta federação!

- Trabalhadores Terceirizações e Fundacionais. Uma exploração ainda maior:

Nós não podemos mais fechar os olhos e simplesmente defender somente concurso público e o fim das terceirizações. É um fato que se arrasta por décadas, pois são milhares de trabalhadores, cada vez mais crescente de terceirizados e fundacionais, sem direito a carreira, estabilidade 30h, que continuam a crescer. São muito mais explorados e submetidos as ganâncias da empresas e assédio moral constantes.

- É preciso que seja exigido tratamento igualitário dos terceirizados com os estatutários;
- Incentivar que as entidades de base adequem seus estatutos para incorporar os terceirizados, temporários, fundacionais e ajudem em sua organização política sindical;
- Que cada sindicato seja reconhecido como negociador dos contratos dos terceirizados e precarizados nas universidades;
- Que a Fasubra ajude a construir um relatório sobre as diversas relações de trabalho nas universidades, denunciando os serviços que já são repassados ilegalmente para as empresas realizarem;

- Universidades Estaduais:

A Fasubra não tem política responsável para as Universidades Estaduais, menos ainda as municipais. É necessário superar esta pagina e organizá-las. O abandono de muitos anos provocou o descrédito da Fasubra. São universidades com realidades muito distintas e com carreiras diferenciadas do restante das universidades federais, é preciso que a Fasubra faça plenárias com essas universidades, filiadas ou não, para organizar plano de luta, campanha salarial, plano de carreira, concurso público, condições de trabalho, enfrentamento das imposição dos governos e reitores, avançando na organização sindical.

Só desta forma se pode iniciar um processo de superação do abandono político da federação as universidades estaduais e municipais.

- Unificar as campanhas e lutas dos servidores federais:

- Voltar a realizar as plenárias dos servidores federais, garantindo as proporções de sua base, seus ritmos, mas num esforço para a luta unificada, pois o arrocho salarial, a nova reforma da previdência, as políticas produtivistas, as terceirizações e privatizações atingem todos os órgãos do serviço público;

- Estimular, pelos estados, a construção de fóruns dos servidores federais e com isso impulsionar as campanhas salariais pela base; luta por condições de trabalho, construir atos de rua, e ser solidário a todas as lutas que ocorrem de outras categorias.

-Por negociação coletiva também no serviço público

É preciso construir o direito à negociação coletiva no serviço público. A legislação é atrasada, os governos usam inclusive o judiciário para proibir as greves, mas não é garantido nenhum dispositivo que obrigue o governo a negociar com as representações sindicais de servidores públicos. Sem data base, negociação coletiva, o funcionalismo fica refém das vontades conjunturais de cada governo que se negam a negociar com servidor, e alteram os direitos trabalhistas a qualquer momento. Por isso, esta também será uma grande demanda de em nosso Confasubra.

Uma Nova Direção pra Fasubra!

De luta. Pela base. Desatrelada do governo e dos reitores!

- Vamos unir os lutadores e tirar da direção da Fasubra todos aqueles que defendem a política do governo e não mais da categoria!

-Respeitar as divergências internas, mas tanto na Fasubra como em cada universidade construir uma força tarefa para derrotar os representantes do governo em cada sindicato de base;

- Se preciso for, que se faça rodízio entre as correntes de oposição, à frente da coordenação geral, mas não mais permitir que o governo continue dirigindo a Federação.

Assinam:

Fasubra:

Pedro Rosa Cabral (Coordenador de Aposentados e Assuntos de Aposentadoria)

SINTUFF

1. Toda a Diretoria, mais dezenas de militantes e simpatizantes da Unidos Pra Lutar, tanto na UFF, como nos Institutos Federais abrangidos como base do Sintuff.

SINDITIFES/PARÁ

- 1. Celso ricardo-barros barreto (coordenador geral do sindtifes)*
- 2. Carolina de melo lopes-(coordenadora do sindtifes)- ufpa*
- 3. Sergio goncalves lima-editora ufpa (coordenador do sindtifes)*
- 4. Eduardo magno (ufra) (coordenador do sindtifes)*
- 5. Lília débora (coordenadora do sindtifes)*
- 6. Raimundo nonato – gráfica/ufpa (coordenador do sindtifes)*
- 7. Maria Eloísa de castro freire-npi (conselho fiscal do sindtifes) – ufpa*
- 8. João Santiago –ufpa – ex-coordenador geral do sindtifes*
- 9. Andréa Solimões – UFPA/NPI*
- 10. Elenice Lisboa (barros barreto)- ex-coordenadora do sindtifes*
- 11. Kátia Rosângela t. de Souza-npi – ex-coordenadora do sindtifes*
- 12. Ivanilde Pinheiro (vanda)-ufpa – ex-coordenadora do sindtifes*
- 13. Afonso Modesto- icsa/ufpa – ex-coordenador do sindtifes*
- 14. Katia Cilene (barros barreto)*
- 15. Maria de Nazaré-npi*
- 16. Maria do Socorro -ufpa*
- 17. Gisele ramos-npi*
- 18. Georgete melo-npi*
- 19. Cristina Hungria-npi-*
- 20. Idorivaldo Rosa-ufpa*
- 21. Jorge Messias-ufopa*
- 22. Alcidema Coelho magalhães - ica*
- 23. Márcia Correa (marcinha) - (hospital barros barreto)*
- 24. Edward – ilc/ufpa (letras e artes)*
- 25. Paula Oliveira – campus de castanhal/ufpa*

26. Ildete Falcão – campus de castanhal/ufpa
27. Raimundo Nonato Nascimento – campus de castanhal/ufpa

SINTUFRJ

1. Valdenise Ribeiro
2. Rafael Romário,

SINDIFES/MG:

1. Valéria Lúcia De Almeida Ramos (HSG/CCI),
2. Janio Paulo Da Silva (HC/CCI),
3. José Francisco Do Nascimento (Farmácia),
4. Marilene José De Castro (HC/CME),
5. Rosemary Leocádia Gomes (ASV),

SINTEST.PR:

1. Maristela (coordenadora),
2. Lucia Alves dos Santos (Dpto Pedagogia)

ASSURGS:

1. Ângela Fernandes, coordenadora da CIS

SINTUFRPE:

Alessandra Primo.

SINTSAM:

1. Luiz Carlos Senna.

SINTEST/RN:

1. José Fernandes Azul

OBS: Todos os companheiros que só tiveram oportunidade ler agora a tese e querem dar seu nome para se somar nesta tarefa de construir uma alternativa de direção a Fasubra, procure um dos companheiros que já assinam, inclua seu nome, ou mande e-mail para pedrorosacst@yahoo.com.br. Novos materiais vamos construir até o congresso, seja mais um a mudar o rumo de nossa federação.